

Crescem as pressões contra a fidelidade

JOAO EMILIO FALCAO

ARQUIVO CB

Da Editoria de Política

A extinção dos partidos políticos antes da eleição do próximo presidente da República está sendo reivindicada por vários parlamentares. Em março, quando o Congresso reabrir, será examinada a emenda constitucional do deputado Heraclito Fortes (PMDB/PI) suspendendo a fidelidade partidária por um ano. A proposta é vista com simpatia pelo presidente Figueiredo.

O ministro Leitão de Abreu, do Gabinete Civil da Presidência, e o governador Tancredo Neves, de Minas Gerais, são favoráveis a tese de que no Colégio Eleitoral não há o voto partidário, ou seja, não é obrigatória a fidelidade. Na prática isto significa a inexistência de partidos na eleição do presidente da República.

FÓRMULA

O presidente do PDS, senador José Sarney (MA), está planejando uma viagem por todos os Estados a partir de janeiro para tentar manter a unidade do PDS, que está fracionando-se em consequência da disputa sucessória. Os esforços de Sarney são para que o Partido se apresente unido na eleição de presidente, mas ele mesmo está convencido de que isto será difícil.

Preocupa-se, também, o presidente do PDS, com a rebeldia demonstrada por alguns setores do Partido, que não aceitam as decisões já tomadas. Estranha Sarney, que alguns governadores e parlamentares estejam fazendo campanha a favor das eleições diretas, quando o Governo federal e o Partido já



Sarney tenta evitar o fracionamento do PDS

decidiram-se pelas indiretas.

O maior receio de Sarney é de que o PDS, após o início de março, fique sem vários parlamentares, o que retiraria do Partido o controle do Colégio Eleitoral. Em março o PDS completará quatro anos de existência, o que permitirá a seus parlamentares mudarem de Partido sem perda de mandato.

RESSUREIÇÃO

Há no PDS, com pleno conhecimento de Sarney, um movimento para recomposição do antigo PSD, que está sendo liderado pelo senador Lenoir Vargas (PDS/SC) com o apoio direto do senador Raimundo

Parente (PDS/AM). Um levantamento realizado informalmente por ambos constatou que cerca de 35% dos atuais parlamentares foram do antigo PSD.

Ex-udenista, Sarney tem ciência de que ressurgindo o PSD será quase inevitável a volta da UDN. Este, alias, é o raciocínio do senador Lenoir Vargas, para quem PSD e UDN poderiam alternar-se no poder, garantindo a estabilidade do regime. O PTB antigo seria representado por um partido socialista e as esquerdas radicais ficariam isoladas, sem expressão.

Outra convicção predominante no Congresso e de o PDS está com grupos e subgrupos. O Participação que foi uma prova da falta

de controle, permanece apesar das detecções e, no próximo ano, pouco antes da reabertura do Congresso, fará uma demonstração de hostilidade ao Governo. O esquema prevê a exigência, inicial, de um líder para a bancada e outro para o Governo, da responsabilidade do Presidente da República.

SUCESSÃO

A inexistência dos partidos na sucessão presidencial está sendo prevista também pelo deputado Walber Guimarães (PMDB/PR), 2º vice-presidente da Câmara, líder do grupo unidade do PMDB e homem da absoluta confiança do governador Tancredo Neves.

Para Walber, o PDS multiplicaria no debate sucessório, não havendo possibilidade de as correntes malufistas, andreazzistas e afrelhanistas se comporem. Nesta hipótese, o PMDB poderia eleger facilmente o governador Tancredo Neves, que contaria com votos em todos os partidos e segmentos. A única dificuldade para que isto aconteça é, no seu entender, a insistência do deputado Ulysses Guimarães (SP), em ser o candidato do PMDB à Presidência da República.

A vitória do grupo Unidade (moderados) do antigo PP na convenção do PMDB está promovendo a desagregação deste partido. Vários deputados oposicionistas vêm mantendo conversações para a formação de um partido de esquadra definida, que contaria, segundo o líder Airton Soares (PT/SP), com no mínimo 60 deputados. O próprio Airton Soares já examinou, algumas vezes, a possibilidade de deixar o PT.